

ASSIGNATURAS
 ANNO... .. 20\$000
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Os meritissimos juizes criminaes, desilludidos de restaurarem a instituição do Jury pelos meios humanos, cumprindo á risca a lei, acertaram de recorrer á consoladora illusão da intervenção divina, restituindo á sala das sessões, como symbolo de monstruosa injustiça dos homens, a doce imagem de Christo crucificado, varrida dos infectos saguões, dos quartos baixos de pardieiros escuros, pelo tufo revolucionario, de envolta com os emblemas imperiaes, com o nome das ruas, o nome dos institutos, das estradas de ferro... tudo quanto pudesse perpetuar a memoria da dynastia de Bragança, enxertada em terras americanas.

Era certamente um poderoso instrumento de suggestão benefica, para os homens simples, incumbidos de julgar os seus semelhautes, a figura de Jesus, immolado aos duros textos da lei pela intolerancia dos poutifices, pela cobardia do poder civil; ella lembrava o tredo crime da condemnação de um innocente, o facto mais commoveute da historia humana. Mas aquella figura de consolação, de paz, de amor, tinha força moral, tinha prestigio divino, no tempo em que os jurados, repetiudo a velha fórmula sagrada, promettiam ter deante dos olhos Deus e a Lei: hoje, nestes tristes dias republicanos, elles arriscam, apenas, a sua palavra de honra, sem raizes na consciencia, tendo deante dos olhos a rachitica pessôa de um cidadão especialista emerito na organização de conselhos de seutença, cegamente propensos ás absolvições inconsideradas.

A santa imagem poderá volver ao recinto dos tribunaes por deliberação de alguns juizes piedosos, ou como simples objecto de ornamentação; não conseguirá jámais o almejado effeito de regenerar a instituição,

deturpada, corrompida na sua essencia, na sua fórmula pela falta de civismo, pela indifferença ao cumprimento de deveres que, coustituindo suaves meios de vida, passaram para a ordem das maçadas classicas nos actuaes costumes administrativos, em toda a hierarchia politica, desde os mais humildes até aos mais eminentes depositarios do poder publico.

O tribunal do jury, como outras instituições democraticas, foi envolvido por uma onda de desidia, um fluxo de pantano, crescendo lentamente, alastrando inexoravel, demolidor, dissolvendo o cimento secular de tradições veneraveis.

E, para regeneral-o, para restituil-o á funcção salutar que lhe foi consignada como peça essencial da orgaui-sação juridica, basta chamal-o ás rigorosas fórmulas legaes, basta cumprir as disposições que presidem á organização das listas de jurados, basta tornar effectiva a sancção repressora dos abusos que chegaram ao excessivo escandalo de constituirem a normalidade, tornando repugnante o exercicio do cargo de juiz popular.

Não exaggeramos: o brilhante relatório do sr. delegado Cyro Costa é uma prova irrecusavel.

Os cidadãos *cavadores* da vida com o proprio esforço, empenham todos os meios de libertação dessa maçada, porque não pôdem perder em trabalho gratuito o tempo precioso; além disso, elles perderam a fé no jury, como perderam a confiança no processo eleitoral, no processo administrativo, na acção regular e patriotica de todo o aparelho politico, entregue ás paixões, aos interesses subalternos, aos caprichos occasionados da politicagem, dominadores absolutos, sem freios salutaes.

Não figuram nas listas dos jurados medicos, bachareis, a graude massa exuberante de lettrados postos em circulação pelo relaxamento dos canaes depuradores da capacidade,

pelos filtros do ensino publico reduzido a uma torpissima mercancia de sciencia; não figuram nomes proeminentes, nomes de respeitavel destaque nessas listas organisadas por fuccionarios incompetentes, talvez irresponsaveis, cujas vistas se dirigem de preferencia para a chusma do eleito-rado e cae em cheio sobre a classe dos funcionarios publicos, para os quaes o trabalho do jury equivale a um delicioso suéto de quinze dias.

Refórmulas meticulosas realizaram-se inutilmente; véem umas sobre as outras, com essa impaciencia, com esse frenesi demolidor, que não espera as experiencias completas, o amadurecimento dos fructos para lhes aquilatar o valor real. Essas refórmulas são leis ottomanas, ficam no papel; não são cumpridas, não são respeitadas, e o virus da desidia váe continuando a sua obra funesta, devastadora, graças á tolerancia crimiuosa que aboliu o imperio da lei.

A imagem do Redemptor, pendurada na sala de sessões do jury, não fará o milagre de restaurar a machina que está fóra dos eixos, de dissolver os oxydos que lhe emperram as peças delicadas: será um objecto de profanação, um adorno restaurado pela impiedade, pela hypocrisia, impenitentes exploradoras das coisas sagradas.

Poupae a Christo esse vilipendio.

* * *

Pensam os radicaes que será mais vantajoso abolir a instituição do jury, como quem amputa um membro gangrenado.

Si adoptarmos esse remedio heroico, esse systema de mutilação para o saneamento de todos os galhos doentes da arvore da democracia, chegaremos, logicamente, á dura contingencia de podal-a pelo tronco. Não é sómente esse galho do jury que está estalando de pôdre: por toda a parte deparam-se-nos vergonteadas fanadas,

ramos murchos á mingua de seiva ou asphyxiados pela herva de passarinho, como os cafezaes de S. Paulo, vegetação parasitaria que invadiu toda a flora administrativa e terminará por esterilizar-a completamente.

A instituição do jury não está menos desmoralizada do que a instituição do Congresso, que é uma vergonha, renovada friamente, hypocritamente, todos os tres annos, como um arsenal de instrumentos passivos do poder executivo! Assim como ha jurados que votam por sentimentalismo, por piedade inconsciente, por interesse sordido, ha congressistas, sem a minima noção da responsabilidade da sua eminente funcção, votando deliberações do mais elevado alcance social, inconscientemente, por incapacidade organica, por obediencia á disciplina partidaria, por submissão cega ás imposições dos interesses nefastos da politicagem, sendo menos prejudicial o effeito das absolvições escandalosas, do que o das leis absurdas, extorquidas ao servilismo. E ninguem pensa em supprimir o Congresso, que é um adorno apparatuso, uma ornamentação que nos custa rios de dinheiro para nos dar uma apparencia caricata de povo governado pelo systema democratico.

Nós não necessitamos de supprimir, de destruir para sanar males que teem resistido ás refórmias precipitadas—as frequentes refórmias levianas, desorientadas, ineptas: necessitamos apenas de cumprir as sabias leis velhas, as leis que modelaram a nossa feição definitiva de povo culto; necessitamos apenas de cumprir religiosamente a nossa lei organica, a cada passo infringida com desplante, a cada passo ludibriada, sem remorso, pelos nossos ineffaveis detentores do poder.

POJUCAN.

Segundo o original, devemos fazer as seguintes rectificações do artigo do sr. Sylvio Roméro, publicado no numero 72 dos *Annaes*.

Pag. 130, linha 28, onde se lê *irriquieto*, leia-se *IRREQUIETO*; linha 29, onde se lê *Candido José Barata de Almeida*, leia-se *CYPRIANO José*, etc.; linhas 30, 31, onde se lê numa das *escadas* do palacio, etc., leia-se numa das *SALAS*, etc.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O TUICHÁUA DO CASTANHO

Para a determinação da longitude, levavamos tres chronometros de caixa.

Empregariamos o methodo do transportes da hora, que, quasi sempre, sendo os chronometros transportados a distancias consideraveis atravéz de um terreno accidentado, dá resultados disparatados.

O mesmo succede si vão em canôas subindo ou descendo rios correntosos e cheios de corredeiras, onde são frequentes os embates. O chefe era tambem um grande mestre, tão bom como o mais abalisado, e aconselhou-me o maior cuidado na conducção dos chronometros e mais ainda, si possivel fôsse, na planta até ao cerro Guái.

Tinha mais confiança, dadas aquellas circumstancias, nos resultados topographicos do que nos astronomicos.

E tinha razão.

Naquelle mesmo dia, o *tuicháua* disse-me:

— *Xaçô ne çui. (Vou de ti) (Trad. ao pé da letra).*

Quiz detel-o para irmos juntos, mas debalde: a sua resolução era inabalavel. Deixou toda a sua gente e foi só com um filho.

Na manhã seguinte, puz-me em marcha com a minha expedição.

Como a demora ia ser de muitos minutos, fômos melhor aparelhados do que na primeira excursão.

No outro dia, chegámos á malóca.

O *tuicháua* recebeu-nos mais risinho e alegre do que costumava. Levou-nos logo ao tejupar, que tinha outro aspecto. Mostrou-me uma meza igual á nossa do Marary e os bancos de *pashiúba* que a rodeavam, as paredes tapadas com largas folhas de palmeiras *bossú*, inteiriças, e de quatro a cinco metros quadrados de superficie. Indicou com o dedo um pequeno rancho e disse:

— *Tembiúmunhangára cupê (Para o cosinheiro)*; era igual ao outro do velho Ozorio, o nosso *cordón bleu*.

Lia-se na physionomia intelligente daquelle homem uma grande satisfação, que não sei si seria, sómente, pelo conforto que dava aos seus amigos e hospedes ou pelo desejo de mostrar-se tambem civilizado. Talvez fôsem ambas as coisas.

Aquelle indio era excepcional.

Ainda hoje o admiro, quando recordo com saudade os dias que passámos juntos. No meio inculto em que vivia, destacava-se de todos por sentimentos de fidalguia, que manteve sempre até ao fim.

Quando fômos a comer, sentou-se connosco á meza, nú, como sempre andava, e nós em manga de camisa.

Fiz-lhe presente dum talher; era

a primeira vez que ia deixar de comer com a mão; mas já tinha visto servirmos-nos delle.

Portou-se discretamente, cortando com a faca e levando á bocca o garfo como nós faziamos. Parecia mais civilizado do que um carro auxiliar que tive, o qual, depois de rebocar e alizar bem o feijão, alto como um cerro, enchia a faca até ao cabo e mettia-a toda pela bocca com risco de cortar a epiglottle.

Toda a indiada do Castanho era pagã. Resolvi baptizal-os a todos, inclusive o pagé.

Não podia cathechizal-os, demonstrando-lhes as excellencias do christianismo. Abstive-me de fazel-o.

Disse ao *tuicháua* que ia dar-lhe e á sua gente nomes usados por nós, para que não os escarnecessem, quando tivessem de descer ao Cassiquiare ou ao Rio Negro e dissessem que se chamavam jacaré, anta ou pica-pán.

— Os brancos, quando dão aos filhos os nomes, fazem-no em nome do seu tupan e lhe pedem para fazel-os bons e fortes—eu disse ao velho, muito attento.

Elle accedeu ao meu desejo.

Levei toda a tribu á margem do rio. Sobre cada cabeça derramei uma cuia cheia d'agua, proferindo as palavras sacramentaes: baptizo-te, fulano, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. A cada um repetia o nome que lhe acabava de dar; e dizia: si era Antonio, chamar-te-ás, d'ora em diante, Antonio. Si Maria, chamar-te-ás, d'ora em diante, Maria.

E Antonio e Maria e Joanna e todos retiraram-se para a malóca repetindo o mesmo nome.

Todos assistiam á cerimonia.

Os soldados olhavam respeitosaes para aquella scena de solemne simplicidade. Cada um delles sabia que eu podia baptizar esses pagãos, que morreriam provavelmente sem nunca verem um missionario.

O *tuicháua* recebeu o nome de *Domingos*, porque era *domingo de ramos*.

Tendo concluido, voltámos ás nossas redes. Ouviamos dentro da malóca um sussurro de vózes.

Escutámos: eram os indios, que repetiam os seus nomes, para não esquecer-os. Nenhum veio a mim perguntar pelo seu.

Parecia-me que todos aquelles filhos da floresta me estimavam, porque me falavam sorrindo e obedeciam contentes e lestoos ás minhas ordens. É verdade que eu os tratava carinhosamente; havia curado o filho do *tuicháua*, e falava como elles o *nheengatú*.

No dia seguinte, o Jardim e o Aguiar fôram para o alto do cerro Guái, acompanhados de toda a gente e do pagé. Deviam fazer uma grande der-

rubada no cume para descortinal-o e permittir as observações astronómicas. Pedi ao Jardim que mandasse um proprio avizar-me, quando fôsse conveniente a minha ida.

Fiquei na malóca com o velho Osorio, adoentado, e o meu camarada. O *tuicháua* tambem ficou.

Emquanto faziam a derrubada, eu observava alli para angulo horario e latitude.

Era notavel o numero de *nainambys*, beija-flôres, que esvoaçavam sugando o doce licôr dos pistillos envoltos nas alvas corollas dos ingareiros, que pendiam á beira do rio. Cada qual tinha mais brilho, colorido mais vivo e scintillava mais dourado ao reflexo do raio do sol. O Stradelli era especialista na preparação de passaros, tinha na sua reduzidissima bagagem, thesouras, escalpellos, curetas para extraír cerebros, olhos de todos os matizes, azues, pardos, vermelhos, amarellos, verdes e negros, e uma grande lata cheia de sabão arsenical e muitos arames para armar as peças.

Havia me feito presente de um bello *japiy* empalhado na posição de abrir o vôo, e eu desejava levar-lhe muitas daquellas lindas avesinhas, que elle apreciaria.

Quando mostrei ao *tuicháua* desejo de possuil-as, foi á malóca e voltou com a zarabatana e um carcaz de flechas muito finas e envenenadas. Os passarinhos eram ariscos e não o deixavam approximar-se.

De longe mesmo, o velho ia flechando um a um, nos rapidos adêjos, sem errar uma só vez. Era um atirador emerito.

Elogiei a sua destreza; passou-me a zarabatana para que atirasse tambem.

Tentei e errei; ensinou-me a fazer a pontaria pela alça de dente de cutia e pela bocca da arma, e errei ainda.

Prometteu-me fazer, elle proprio, uma zarabatana para exercitar-me.

Tudo naquelle homem me interessava e attraía.

Caçou muitos beija-flôres, tirou-lhes os intestinos e pôl-os a seccar.

Convidou-me para dar um passeio ao *cupicháua* (a roça), que estava perto.

Era uma extensa plantação de mandiôca, onde cresciam tambem ananazes e cubios, carás e bananeiras e outras plantas.

— *Reçarú xinga ixê.* (Espera-me um pouco) Entrou na matta, subindo um dos cerros do Abio e demorou-se pouco. Voltou com os espiques delgados e longos de duas palmeirinhas, que teriam, quando muito, cinco centímetros de diametro e uns tres metros de comprimento.

Era a palmeirinha com que fabricam, naquellas regiões, as zaraba-

tanás, e muito abundam na serra divisoria.

Assisti até ao fim á fabricação da minha.

Cortou os dois espiques do mesmo tamanho e alizou-lhes a superficie, regularizando-a o melhor que pôde.

Furou a maior na direcção do eixo com um páu cylindrico muito duro e longo, que fazia gyrar com as duas mãos. Brocou-a toda até que ficasse bem tubulada. Enrolou a mais fina com tiras de cipó-imbê e, com grande difficuldade, introduziu-a toda na mais grossa.

Com uma broca mais fina, tubulou muito bem a outra, até ficar a parte interna lisa e polida como um cano de espingarda sem estrias. Adaptou a uma das extremidades um bocal de madeira com a fórmula tronco-conica e na outra poz cêra de abelha com breu para fechar o vasio entre os dois cylindros. No meio mais ou menos e na direcção do eixo, poz uma alça de mira feita de um dente de cutia longo e curvo untado numa mistura de breu e cera.

As zarabatanas são geralmente revestidas de laminas de jacitára, enroladas obliquamente. A minha não tinha isso. O *tuicháua* pintou-a de vermelho com tinta de urucú. Fez-me tambem um carcaz muito bonito com uma grega no bocal, pintada de preto, e encheu-o de flechas cujas pontas aguçou, cerceou e bezuntou de *uirary*, envolvendo a outra extremidade num flóco de seda de sumahuma em fórmula de fuso.

Concluido, fez-me presente de tudo, que eu conservei por muitos annos até perder-se como outras coisas mais, em consequencia das minhas viagens. Quiz que lhe dêsse em troca o meu revólver.

— Não te dou porque quando gastares todas as balas, não te servirá mais.

— E como te arranjarás — retorquiu — quando se acabarem as *uiuamerins* e o *uirary* que te dei?

Sorri, bati-lhe no hombro e prometti dar-lhe uma espingarda.

Logo que o Jardim me avizou que a derrubada do Guái estava já muito adeantada, parti.

Fomos em canôa pelo Castanho acima até á base do cerro banhado por elle. A subida foi das mais fatigantes, era ingreme a picada aberta quasi em linha recta do sopé ao cume. A encosta de argilla vermelha escorregava como sabão. Mais de uma vez, deslizei cerro abaixo até agarrar-me num galho ou num cipó. Quando chegámos ao alto, veio ter commigo o pagé e perguntou-me si iamoz fazer alli alguma roça. Respondi que não.

— Como então mandaste derrubar todas essas arvores, si não váes plan-

tar? Desço já porque não quero que o Cunepira me fleche.

E foi-se o meu bom compadre, cujos filhos todos eu havia baptisado.

O *tuicháua* presenciou a scena e, por sua vez, perguntou-me para que eu cortára a matta.

Disse-lhe que tinha ido cumprir ordens do meu grande *murcháua*, que me havia mandado alli, ao cume do cerro Guái, para olhar para o sol, a lua e as estrellas, de mais perto e pedir a Tupan para dar muita caça ao matto, muito peixe aos rios, muita fructa ás arvores, muita força á terra, para que dêsse a mandiôca muitas raizes e ás bananeiras muitos cachos.

Quíz saber si elle e os seus não soffriam alguma maldade do Cunepira, por ter permittido tanta derrubada nas suas terras. O Cunepira, disse elle, não quer que se estraguem as mattas, que lhe pertencem e onde vive.

Tranquillizei-o, dizendo que o Cunepira era o guarda dos mattos, mas que o dono era Tupan, mais poderoso do que elle e muito amigo do Imperador. O velho parecia não acreditar muito uaquella conversa, mas convenceu-se quando lhe disse que, si eu estivesse alli fazendo coisas contra a vontade de Deus, não teria tido o poder de curar o seu filhinho. Dormiu commosco e, no dia seguinte, desceu deixando-nos quasi toda a sua gente.

Foram frias as noites do Guái, que passámos sem abrigo e açotados por um vento, que soprava sempre. Estavamos a cerca 800 metros acima do nivel do mar.

Havia bastante caça, mas a agua estava longe, numa quebrada, e não tinhamos vasilhas para guardal-a. Era preciso ir bebel-a na nascente dum ribeiro crystallino e abundante. O *tuicháua* sabia disso e mandou-nos duas enormes *cuambúcas* amarradas pelo gargálo em cordas de *curauá*.

Concluido o serviço, descemos.

O *tuicháua* esperava-nos com a sua *igara* no sopé da montanha. Desci o rio com elle, que ia na prôa. O Castanho, no trecho entre a malóca e o Guái, não tem cachoeiras, é manso. Levou o indicador aos labios, impondo silencio; os remos pararam e a *igara* deslizava subtilmente á flor das aguas, de *bobuia*, guiada pelo habil *yacumãiu* sentado á popa. Eu estava curioso e attento.

O «Domingos de Ramos», na prôa, de pé, com os olhos brilhantes, o ouvido alerta, a zarabatana carregada na mão esquerda e na direita um feixe de flechas, prescrutava as margens. Numa volta, ouviu-se um ruido como o de porcos erguendo-se do lamaçal em que chafurdam, e vimos logo duas antas grandes, que já nos tinham sentido e procuravam galgar o barranco. Antes que o conse-

guissem, o *tuicháua* embocou a arma sempre fatal e despediu, rapido, uma e outra flecha. A primeira cravou-se junto á orelha de uma das antas; a segunda na anca. Ambas partiram-se, deixando no barreiro a parte com a seda de sumahuma. Os animaes galgarão o alto e penetraram na floresta.

A canôa encostou, e o *tuicháua*, com dois indios, internou-se tambem, seguindo o rasto.

Em pouco tempo, regressaram com uma das antas e fôram buscar a outra tambem morta. Sangraram-nas, tiraram os intestinos e arrumaram-nas no fundo da embarcação.

E' temivel e rapido o effeito desse veneno, cuja preparação é conhecida dos indios em toda a vastidão do Amazonas.

Lá crêem que desbridando a ferida immediatamente e applicando topicamente sal de cosinha, dá-se a neutralisação do *uirary* ou *curáre*. Experiencias de laboratorio, porém, teem demonstrado o contrario.

Chegámos á malóca pouco depois do meio dia. As antas fôram esfoladas, cortadas e postas a assar lentamente sobre um mucaém. Toda a indiada, sentada perto do fogo, de vez em quando tirava um pedaço; e quando chegou a noite, não restavam sinão os ossos na hora do *puracé*.

O baile, ou *puracé*, foi dentro da malóca. Allumiava-nos o clarão mortiço e amarelento de algumas candeias de manteiga de tartaruga em panellinhas de barro. Via-se de um lado, encostado á parede, um côcho a transbordar de *caxiry*, a bebida fermentada e intoxicante feita de mandiôca, que tanto apreciam os nossos indigenas. O Jardim, o Aguiar e eu fomos assistir ao baile. Antes de começar, o *tuicháua* foi ao côcho, encheu uma cuia e offereceu-nos. O Jardim tocou com os labios apenas e o Aguiar recusou. Eu acceitei e, apesar da minha repugnancia, bebi uns góles. Começou o *puracé*. A musica compunha-se de dois *maracás* enfeitados com pennas de arára, um tamborsinho tocado pelo *pagé* com as duas mãos e entre os joelhos, feito de um cylindro ôco de páu, coberto nas bases por pelles de maracajá e uma flauta de canella de veado, tocada como clarineta e sómente com tres buracos. Nada tinha de harmoniosa, e as suas melodias scandalizavam os nossos tympanos.

Não parava. O *pagé* suava como um frade e o *caxiry* andava á roda, onde todos batiam palmas compassadas. Ora saía um *curumyuaçu* de hombros largos e elegante, de cabelleira fluctuando sobre as espaduas musculosas, gyrava rapido, dava saltos e caía sapateando deante da cunhamocú do seu agrado. As palmas redo-

bravam. A rapariga saía com passos miudos, os seios tremulos, os cabellos negros e longos até á cintura por onde passava o cinto que prendia a tanga bordada de missangas, dava voltas graciosas, levantando os braços lizos, bamboleando os quadris e sapateando rapida e forte até ser substituida por outra. O *caxiry* sempre a correr a roda, exaltando o cerebro daquella gente.

Durou até bem tarde. Nós davamos aos homens cigarros de palha de Barbacena e de Goyaz e ás mulheres assucar e *crakneis* de Peak & Freat, de duas latas que levámos. Quando nos retirámos, a indiada estava na maior exaltação pelas copiosas libações, inclusive o bom *tuicháua*, que tinha o *vinho bom e folgazão*.

Ao meio dia seguinte, regressámos ao Marary, onde o «Domingos de Ramos» recebeu uma patente de capitão, sellada com o sello da Commissão de Limites, e um fardamento já uzado do nosso chefe, todo cheio de galões. Vestiu-o logo com visivel satisfação e passeiava garboso pelo acampamento. Pediu-me uma caixa vazia de vellas stearinas que viu na minha barraca e arranjou com ella um bahu-sinho para guardar o uniforme. Uma vez, saí para caçar e encontrei-o na picada completamente nú, sómente com o *cuêio*.

Perguntei-lhe pela farda. Respondeu sorrindo, que assim era melhor para andar no matto. Achei-lhe razão.

Quando a commissão se retirou rio abaixo, elle nos acompanhou até á grande cachoeira do Uaianári, do Padauriry, onde estava o nosso deposito de viveres e objectos para dar em pagamento aos indios pelos seus serviços. Demos-lhe dez espingardas de caça com espoletas, polvora e chumbo em profusão; muitos machados e facões, algumas foices e enchadas para substituirem as cava-deiras de páu, que ainda uzavam para fazer as suas plantações. Levou ainda camisas e calças de algodão, chita para as saias das mulheres e uma barrica de assucar. O bom velho nos havia prestado serviços relevantissimos com a sua gente, mas ficou assombrado com tanta generosidade. E' que havia trabalhado durante dois mezes, com toda a tribu, para um *regatão*, e só recebera alguns molhos de missangas, dois machados e alguns covados de algodão azul.

Ficou satisfeitissimo e mostrou toda aquella riqueza á sua gente, que examinava, curiosa, as espingardas e os outros objectos e lançava olhares de cobiça para um garrafão de aguardente.

Nós iamos descer o rio e não mais eu veria o meu bom *tuicháua*, que arrumava com cuidado os seus ha-

veres numa canôa que lhe deixámos.

Foi depois ter commigo e disse sem sorrir:

— *Xa çô ne çui. Mairamé tahá xamahã curi indê?* (Eu vou me embóra. Quando te verei?)

— *Amû ara apé. (Algum dia)*—respondi.

E sentia saudades daquelle velho. Apertei-lhe a mão dura e segui-o até á sua canôa. Antes de partir, apontou para as espingardas e tudo o mais que lhe demos, exclamando:

— *Cuhire, xaçô xavendêre opai quahã mahãitá?* (Agóra vou vender todas estas coisas).

O *tuicháua* considerava-se grande e feliz porque podia ser igual ao *regatão*, o corruptor e malfeitor da sua raça.

Felizes o velho e sua gente si nunca mais encontrassem esses brancos egoistas e máus que vão buscal-o nas selvas para embrutecel-os pelo alcool e matal-os pelo vicio.

O nosso indio não é esse pária viciado e corrompido, que se encontra nas margens frequentadas dos rios amazonicos.

Quem quizer conhecel-o, busque-o no seio das florestas onde vive livre ainda. E' o mesmo homem da raça dos Ararygboia, Tebireçá, Arcoverde e Camarão.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A LIVRARIA

«PARA LER NA CAMA» — PELO SR. OCTAVIO DE TEFFÉ—EDIÇÃO DA CASA GARNIER.

Não é preciso ser um profissional em lettras para sentir desagradaveis impressões com a leitura destas paginas; basta não gostar de leitura gaiata.

Para ler na cama representa quasi que uma chocarrice só, de começo a fim.

O sr. de Teffé não se contenta em tratar de assumptos quasi sempre escabrosos e chulos a um tempo: trata-os numa lingua *sui generis*, em que, pela primeira vez, de certo, se cazaram estramboticamente a giria da Cidade Nova com um francez que, ás vezes, se ignóra a si proprio, julgando-se muito bom vernaculo, um pouco como o daquelle brasileiro com quem o auctor se encontra no consulado de Paris, e que fala nestes termos:

—«O sr. excuze, *c'est pas ma faute*.»

Além de fazer este mistiforio linguistico, o auctor agrava a situação com as mostras que nos dá de sua admiração pelo grande Rabelais.

A intrepidez com que, logo no primeiro conto, se gaba daquelle par de

façanhas de frango novo com a madura e incontida d. Marocas, lá na roça, façanhas que elle diz se haverem passado na fazenda de um amigo seu, que ainda hoje vive e continúa no mesmo pé de relações com elle, é um bom pauno de amostra. De ordinario, ninguem anda se gabando dessas coisas, principalmente em publico. Quem as quer aproveitar em historias *realistas* vale-se ao menos da ficção, attribúe o facto a terceiro, para até certo ponto salvar a decencia.

Mas mesmo antes de darmos com o auctor e d. Marocas naquellas practicas, este já nos fizera entrever seu gosto esthetico em paginas anteriores por phrases caracteristicas. A seguinte, por exemplo: «...a avó tem dois engenhos, um de agua outro de vento», phrase cuja significação capadoçal se conhece. O livro está cheio de euphemismos e dichotes quejandos.

Ao par disso, os contos em geral não são feitos com medida, e revelam-se muito faltos de arte. Vê-se, na realidade, que o auctor não tem practica de escripta.

Mas, feitas estas restricções, porque se não dizer? é de esperar que muita gente goste deste livro. Com todos os seus defeitos, elle tem um merito: ás vezes é realmente engraçado. Quem seja de gostos mais difficeis, de certo que o regeitará; mas, exceptuados esses leitores, muitos elle ha de encontrar que o applaudam e admirem.

Num ponto, pelo menos, ao meu ver, elle é admiravel.

O sr. Oscar de Teffé está residindo na Europa desde 1888, segundo nos conta. Foi menino com 15 annos, daqui. Seria naturalissimo, não que elle tivesse esquecido o portuguez, mas que se não lembrasse, de todo, do nosso calão, tendo saído da patria ainda na idade de filho familia, e vivendo na Europa, muitas vezes em rodas de brazileiros, é certo, mas gente da nata, como não podia deixar de acontecer com o sr. de Teffé, moço de toda distincção social. Si não me engana, elle está hoje secretario de legação. Ninguem poderia estranhar que nem siquer houvesse aprendido taes coisas, nem tão pouco que desconhecesse a vida social de Catumby ou do Sacco do Alferes.

Este livro, *Para ler na cama*, mostra que elle é mais versado nestas coisas do que qualquer um de nós, em geral. Só ás vezes tróca: diz *ensopadeira* por *sopreira* ou *prato de tampa*, *bivoacar* por *abarracar* ou *arranchar*, e coisas destas.

Mas ainda assim fica-se boquiaberto com esse como que senso devinatorio que o auctor nos revela, como só acontece com os homens de forte e decidida inclinação para um dado objecto.

O que significa que si o sr. Oscar

de Teffé não tivesse feito esse livro por simples desfastio patriotico, si elle houvesse de continuar a exercitar-se em obras deste genero poderia se tornar eximio, a idade, a cultura e o exercicio corrigindo-lhe as censuraveis demasias da estréa.

E' o que temos a dizer, sinceramente.

NUNES VIDAL.

COMO DISSEMOS no numero passado dos *Annaes*, Tonelero reenceta a sua critica, sempre documentada e brilhante, ás coisas da nossa marinha de guerra. Aproveitamos esta oportunidade para informar, em attenção a instantes perguntas, que o nosso collaborador começou a escrever o seu trabalho no numero 39 desta revista.

ARMADA NACIONAL

Ainda factos. — *Os nossos officiaes generaes.* — *Sua pratica como chefes.* — *Seu preparo.* — *A prova dos autos.*

A *Trajano*, em 1902, fez uma viagem aos portos do norte da Republica. Indo de Alagôas para Parahyba, o seu commandante, a despeito do protesto de alguns officiaes de bordo e, sobretudo, do encarregado da navegação, só se convenceu de que *varára* a barra de Cabedello, quando já se avistavam terras do Rio Grande do Norte!

Fundeando o seu navio na barra da Victoria, esse mesmo commandante, nessa mesma viagem, declarou o seu navio bem fundeado, porquanto se achava elle no encontro da linha nortesul com a léste-oéste, como si todos os pontos da superficie da Terra não gozassem da mesma propriedade!

Poderíamos citar ainda dezenas de factos dessa natureza; seria, porém, fastidioso. Poderíamos, por exemplo, citar um discurso proferido por um official general «*que descambava para o zenith*»; uma viagem do *Tiradentes*, em que o parcel dos Abrolhos foi sondado com a quilha do navio; o pasmo de um commandante ao saber que os novos methodos de navegação, hoje universalmente adoptados, determinam a posição do navio, e o espanto de um outro ao ouvir que existem projectis de coifa; poderíamos citar, dizíamos, innumerous factos como esses, para provar o pouco, ou, melhor, o nenhum preparo da generalidade dos nossos officiaes superiores que andam sempre embarcados ou em via-

gem, isto é, daquelles que andam com mais frequencia em contacto com a marinha de guerra.

Pelo preparo desses, é facil calcular o daquelles que andam, ha dez ou quinze annos, *encostados*, commandando, em flotilhas, (ou mesmo na Capital Federal), calhambeques que não se movem, ou exercendo a sua profissão em capitancias de portos e escolas de aprendizes.

Passemos, agóra, uma rapida e summaria revista nos nossos officiaes generaes e superiores.

Os officiaes generaes do nosso quadro ordinario da armada são em numero de treze; delles, até hoje, commandaram divisões, no mar, em viagem, apenas seis: um, uma só vez, em 1892; depois disso, saíu a barra do Rio de Janeiro uma unica vez, em rebocador, e para ir á Ilha Grande. Esse mesmo official, emquanto official superior, durante 20 annos, apenas realizou, como commandante, uma viagem.

Que fará esse almirante, amanhã, commandando uma esquadra, em guerra, deante do inimigo? Quem tem levado esse official aos postos mais elevados, sinão uma rigorosa antiguidade que faz prescindir de todo esforço pessoal para subir, ou um merecimento todo convencional, merecimento feito de protecção ou de falta de valor mais profunda por parte dos seus concurrentes? E', de facto, almirante o homem que, em mais de 30 annos, apenas commandou, no mar, duas vezes, e que, nem ao menos, por publicações, por trabalhos, procura mostrar que não se alheiou á sua profissão?

Outro general, daquelles seis citados, tambem só uma vez, em 1892, commandou divisão no oceano, para uma viagem de representação, durante a qual não houve exercicios, e onde não demonstrou absolutamente quanto valia como chefe. Contam-se muitas, muitas coisas de sua representação no paiz do destino, muita vergonha em que, por culpa sua, delle, incorreu a armada.

Antes dessa commissão, em 92, e durante o tempo em que foi official superior, esse chefe realizou apenas duas viagens, apezar de se ter mantido entre os postos de capitão-te-

nente (que hoje, para salvação da marinha, se chama capitão de corveta) e capitão de mar e guerra, 23 annos. Depois de 92, nunca mais viu o mar, na qualidade de chefe, e as provas que tem dado de seu valor cifram-se apenas a relatorios de commissões, por vezes sem importancia, relatorios que nada revelam, e nada contam daquelle valor.

Dos outros quatro officiaes generaes que fôram chefes no mar, um, trouxe apenas uma divisão, irrisoria, de calhambeques, de um porto proximo ao Rio de Janeiro; como official superior, commandára, no mar, durante mais de vinte annos, duas ou tres vezes, e, como general, depois daquella viagem, em 97. nunca mais exerceu commissão fóra da barra do Rio de Janeiro. Como o primeiro de que tratámos, tambem estes dois ultimos não teem, fóra desta — exercer a sua profissão escassamente — dado outras provas de valor. Não se lhes pôdem applicar as mesmas phrases que sobre o outro já deixámos escriptas? Sobre as suas carreiras, sobre a maneira por que se não de desempenhar, amanhã, duma commissão *de verdade*?

Qualquer dos outros tres, daquelles seis chefes, já commandou divisões fóra da barra mais de uma vez, durante os ultimos annos. Mas (não dissemos em relação aos outros, porque serio já desnecessario) que divisões? Tres ou quatro navios, avariando-se quasi diariamente, devido á crassa ignorancia e á invencivel má vontade do geral dos nossos machinistas, navios de guarnições reduzidissimas e com um espantoso excesso de officiaes — taes são as divisões. Sómente na de 1897 e na que anda agóra pelo sul, houve exercicios serios, aproveitaveis. Com as outras fizeram-se inutilidades, *bobagens*, com o nome de exercicio.

Em todo caso, qualquer daquelles tres chefes tem valor. Não são, não pôdem absolutamente ser almirantes, na verdadeira accepção do termo. Mas, dois, como marinheiros, recommendam-se e recommenda-se o outro pela sua actividade e boa vontade para com a profissão, qualidade, esta ultima, que os outros teem sempre demonstrado. Quanto ao preparo tecnico, propriamente, deixam alguma coisa a desejar, sobretudo o activo.

Assim só seis, de treze officiaes generaes, fôram já officiaes generaes, sendo que tres o fôram tanto quanto o profissional que trouxe da Europa a flotilha de novos paquetes para o Lloyd Brasileiro.

Dos outros sete, podemos dizer: um soffre de amolecimento cerebral, ha cinco annos. Bom marinheiro que foi outr'óra, tornou-se hoje um inutil, absolutamente incapaz; o segundo foi, quando capitão de mar e guerra, o commandante que fechou sobre o actual ministro da Marinha a porta da torre do *Deodoro*, julgando mover a propria torre, facto a que já nos referimos (pag. 69, num. 68, anno III, dos *Annaes*); deste diremos ainda que durante os ultimos vinte annos, saíu ao mar, apenas duas vezes. O terceiro foi, como dissemos acima, o commandante que, a despeito das opiniões dos seus officiaes, indo de Alagôas para Parahyba, varou a barra de Cabedello; durante os ultimos vinte annos, a unica vez que saíu ao mar em navio de guerra, foi para fazer, entre outros, este *brilhareto*. O quarto era um prodigio até pouco tempo. Porque? Nunca ninguem o sonbe! Publicára, quando primeiro-tenente, trechos de um relatorio, com pretensões a compendio, resumo-copia, como já o qualificámos (pag. 603, num. 50, anno II, dos *Annaes*), miserrimamente feito duma obra franceza, de grande valor. Fez, como official superior, commandando, duas viagens, sem que qualquer dellas o revele grande marinheiro; *descobriu* uma theoria nova sobre o calibre dos projectis, descoberta da qual resultou ficarem totalmente inutilizadas as munições de um dos nossos navios, saíndo lezada a nação em forte somma, pela qual ninguem foi responsavel. Assistiu á construcção de um vaso de guerra, em arsenal estrangeiro. E esse vaso de guerra, em sua primeira viagem, ao saír logo dos estaleiros, arribou a outro porto, para concertos!

Oh! Que prodigio!

TONELERO.

Vendem-se collecções dos « *Annaes* », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

Os perigos do jiu-jitsu A lucta japoneza ou *jiu-jitsu*, de que se tem falado tanto agóra, penetrou até nas escolas, onde, durante os recreios, os collegiaes exercitam-se com furor nas flexões do pulso e nas torsões do antebraço. Por isso, já se trata de prohibir, pelo menos nos collegios, a lucta japoneza, porque na idade em que se frequentam as escolas, sendo delicados os ligamentos e os ossos tenros, e os esforços empregados no jogo não estando moderados por uma sabia experiencia, são muito possiveis os accidentes dolorosos. De facto, um medico de Philadelphia assignala fracturas pelo *jiu-jitsu* entre os rapazes, e cita especialmente um caso de fractura do radio, que elle curou, fazendo, porém, uma diminuição de 2 centimetros no osso.

* *

O numero de medicos O dr. Helme avalia — com documentos estatisticos dignos de attenção — que o numero de medicos, no mundo inteiro, chega a 228.234. A Europa absorve mais de dois terços desse numero; os europeus teem para tratar da sua saúde 162.333 medicos. O paiz onde elles são mais numerosos é a Inglaterra, com 34.967; depois, seguem-se a Allemanha, a Russia, a França e, por fim, a Italia, com 18.245. Ha 51 medicos na França para 100.000 pessoas; na Turquia, ha 18 para esse mesmo numero. A cidade que tem mais medicos é Bruxellas: ha 241 para 100.000 habitantes; depois, apparecem, em escala decrescente, Madrid, Budapest, Christiania, Vienna, Berlim, Londres, Athenas, Paris, Nova-York e Constantinopla, cidade que possúe 35 medicos para 100.000 pessoas.

* *

Exposição internacional de acontecimento photographico O mais importante *photographia* graphico deste anno será a segunda *Exposição internacional de photgraphias e das sciencias, artes e industrias que com ellas se relacionam*, vasta manifestação universal que se realizará em Paris, no grande palacio de Bellas-Artes (Champs Elysées) no segundo semestre de 1906. A primeira exposição especial desse genero foi feita em Paris tambem, no Campo de Marte, em 1892, ha quatorze annos. Depois dessa epocha, appareceram

a photographia indirecta das côres, a cinematographia, a radiographia, a photographia rotativa, etc., sem contar as cartas postaes illustradas, todas estas especializações photographicas que nunca estiveram em exposição internacional.

O grande certamen de que se trata váe offerecer um interesse extraordinario.

**

As perdas russas na Mandchuria Um cirurgião, general do exercito americano, que acompanhou as operações da guerra não só no ponto de vista da tactica e da historia, mas tambem nos dos seus resultados, contou do lado japonéz um morto para 4,5 feridos, e nas fileiras russas um morto para 3,95 feridos. Está, como se vê, elevada a mortandade no lado russo. A morte e muitas feridas tambem são geralmente devidas aos *shrapnells*; os effeitos das ballas são muito pequenos, relativamente, e mais raros ainda são as feridas por sabre ou bayoneta. Antes da batalha de Mukden, só havia 500 russos mortos e feridos por essa arma. A proporção das doenças foi de 3,28% entre os russos até junho de 1904. Com as chuvas elevou-se um pouco, chegando a 3,74. E, no emtanto, o tempo estava muito bom; notava-se com prazer a raridade dos casos de febres palustres. Em 1904, os russos perderam, pelo menos, 20.000 homens no campo de batalha ou no hospital, devido ás feridas, e no mesmo tempo não morriam de doenças sinão 2730 soldados.

Assim, para um obito por molestia, 7 obitos por feridas de guerra.

Observou-se um facto interessante no que concerne á proporção das chagas infeccionadas, no inverno e no verão. Em Mukden, encontravam-se apenas 10% dessas feridas no verão, no inverno, achavam-se 10 entre cem soldados que não tivessem cicatrizes em máu estado. Esse augmento enorme no inverno explica-se pela circumstancia de que, evidentemente, nessa epocha chuvosa e fria do anno, a limpeza corporal é bem menor que no verão. No inverno, a pelle é menos aseptica. Para melhorar essas condições, o medico americano aconselha que antes de entrar em combate cada soldado deve tomar banho e mudar

de roupa e, si fôr possível, vestir um uniforme leve e novo; e seria bom até—ensina, providencialmente, o cirurgião *yankee*—que no dia da batalha os intestinos estivessem vasios.

**

Os caminhos de ferro do Globo O ministerio dos trabalhos publicos da França acaba de editar a ultima estatistica dos caminhos de ferro. Todas as vias ferreas da Europa tinham, no principio de 1905, 305.407, kilometros. Os Estados Unidos para uma população de 80 milhões de habitantes, possúem 344.000 kilometros de vias ferreas. A Asia tem 75.000; a America do Sul, 45.000; a Africa e a Australia, 25.000; Entre os paizes que mais trabalham para completar as suas estradas de ferro, está a Allemanha, que em 1904 abriu 1138 kilometros. A Hespanha, com um esforço enorme, construiu 283. Comparando o numero de kilometro com a superficie do paiz, a Belgica occupa o primeiro lugar, com 23 kl., 9 por myriametro quadrado. Véem depois a Inglaterra, a Allemanha, a França e, fechando a lista, a Noruega com 0, kl. 8. Em relação ao numero de habitantes, a Suecia ganha o *record* com 24 kilometros por 100.000 habitantes. A França vem em seguida com 11 kilometros. A Allemanha e a Inglaterra ficam no oitavo lugar.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA DO UNIVERSO

Nestes ultimos cincoenta annos, as sciencias naturaes rasgaram aos olhos do espirito um vasto dominio prehistorico, e por tal modo que, apezar de fragmentarios os documentos colhidos e arrolados tão sómente em determinada zona do Planeta, são elles de ordem a satisfazerem as nossas indagações relativas á genese do mundo e aos primordios da humanidade.

Assim é que as mysteriosas chimeras do sobrenatural e os invisiveis poderes de explicação, aos quaes se havia recorrido durante um longo transcurso, extinguiram-se por completo a esse sopro rijo, demolidor e reconstructor da moderna e victoriosa intuição scientifica.

O homem não é mais um sêr isolado do mundo, creado miraculosamente e miraculosamente evoluído como um divorciado da ventura, um reprobado expulso do paraíso onde passeára á sombra prateada das arvores dos pomos de ouro. A seu turno, a physiologia comparada, tornando-se experimental com Claude Bernard, o

acorrentou ás leis impostas aos demais sêres biologicamente organizados.

A despeito de sua evolução, que o separa das outras especies por um abysmo incommensuravel, o seu passado, estudado philogeneticamente, isto é, através de seus periodos de desenvolvimento como parte integrante do organismo humano, explica por inteiro a razão de ser do seu estado presente. Com effeito, ao longo de sua evolução, já o podemos seguir em toda a trajetoria do progresso, *pari-passu* ás suas miseraveis e informes manifestações da vida das cavernas, desde o silex de Thenay aos esplendores hodiernos da civilização occidental.

Nessa exhumação de necropoles, que fôram berço de nossos antepassados, a paleontologia nos affirma, de modo inconcusso, que a industria primitiva teve um fim utilitario, a partir das pedras informemente talhadas, em cujo fabrico não é dado divizar a minima adaptação intelligente das forças da natureza a serviço da humanidade.

Estatuida, então, sobre um certo numero de factos, surge a theoria evolucional concatenando suas leis á luz da experiencia e da observação, a saber:

a) a lei da reprodução, *ex vi* da qual os sêres tendem a transmittir a vida a seus descendentes com caracteres, não identicos, mas variados; b) a lei das correlações do crescimento, em virtude da qual um orgão que se modifica acarreta parallelamente a modificação doutro orgão; c) a lei da hereditariedade, ou da herança, que se apresenta sob triplice aspecto: herança similar physiologica, psychologica e morphologica; d) a lei da multiplicação geometrica das especies e da multiplicação arithmetica dos alimentos, conhecida por lei *malthusiana*; e) a lei da constancia das fórmulas na razão da simplicidade da estrutura, por força da qual quanto mais simples a estrutura dos sêres mais permanentes a sua fórmula e organização, e cuja reciproca é egualmente verdadeira. Tornando extensiva á dynamica social a ultima das leis mencionadas, escreve Guilherme de Greff:

«As acções ou reacções sociaes estão em perfeita relação com o grau de simplicidade e de generalidade dos phenomenos e das funcções a que se applicam. Assim, as acções e reacções economicas são mais simples e mais geraes do que as acções e reacções moraes, juridicas e politicas. Os phenomenos e as funcções mais simples e mais geraes agem de uma maneira mais simples e mais geral sobre as funcções e os phenomenos mais complexos e especiaes. Os phenomenos e as funcções immediatamente antecedentes agem mais immediata e dire-

ctamente sobre os phenomenos e as funcções immediatamente sequentes». Dito isto, sem que nos mova a penna o intuito de estudar as leis ou lei geral da evolução, affirmemos que, a despeito de sua intuição, geralmente conhecida e abraçada pelos modernos pensadores, em balde procurar-se-á um documento escripto assignalador das primeiras manifestações do pensamento. Não podia ter sido sinão após um longo e penoso esforço que a dispersão das idéas e a incoherencia da attenção, caracterisadoras do seu primeiro estado mental, desappareceram, e ao homem foi dado agrupar as suas observações e lembranças, e coodernal-as, comparando-as sob o duplo aspecto da analyse e da synthese. Effectivamente, si a geologia e a anthropologia nos affirmam que sómente no ultimo estadio da epocha terciaria surgiram os primeiros vestigios do homem, é claro que, em sua infancia, prezo ao antropoidismo, o instincto lhe tenha sido a força aguilhoante, a unica provavelmente com que entrou no grande combate pela existencia.

E, luctando, comendo, dormindo no fundo das cavernas, ao pé das rochas escarpadas, ou no tronco encarcado das arvores gigantes, que idéa lhe poderia surgir estranha ao contacto immediato de seus sentidos? Todavia, esse contacto immediato do mundo que o cercava foi-se alargando pouco a pouco com o desenvolvimento desses mesmos sentidos até o percebimento do universo inteiro, que o impressiona deslumbrantemente, ferindo-lhe as primeiras scintillas d'alma, dando nascimento á linguagem e ao sentimento da religião, em pleno reconhecimento de pequenez em face da grandeza e perfeição do céo, que se desenrola magestosamente bordado de estrellas ou cheio de sombras, como Emerson o phantaziou. Foi tão sómente após um longo periodo evolucional, quando a necessidade de explicar o mundo ambiente, cujos phenomenos elle váe lentamente coodernando, se impõe ao seu cerebro, que o universo lhe apparece como um ponto de interrogação.

Datam dahi a primeira intuição do mundo, os primordios da philosophia no afan de indagar o enigma das coisas, a querer explicar os factos da natureza, a sondar a consciencia universal. Mas, esse estado mental, melhor diríamos, cultural, não surgiu, certamente, de vez; producto de extraficação evolucional, só de modo sensível elle se torna concebível no ultimo periodo da epocha quaternaria, nessa phase em que os trabalhos dos Cuvier, dos Lyell e dos Lund nos documentam a existencia de uma architectonica da vida em geral nos ritos e nas commemorações funerarias e da

descoberta do fogo. Tratando desse remotissimo periodo prehistorico, indaga Lefèvre: «L'homme allait-il plus loin? La dualité de la nature humaine était-elle inventée? On est tenté de la croire. Les fantômes du sommeil ou de l'hallucination retraçaient l'image des morts; et ces ombres vides, en proclamant la disparition du corps matériel, révélaient un autre corps subtil que la mort n'avait pas détruit. Incapable d'analyser le mécanisme de la mémoire, l'homme croyait naïvement à la survivance de quelque chose, d'une enveloppe, d'une residu immortel. L'ombre des morts n'était certes pas ce que la métaphysique nomme une âme; la distinction des deux substances ne s'était pas encore nettement offerte à la raison; elle exige une subtilité dans l'aberration qui n'est point le fait d'intelligences peux exercées.»

E Ludwid Feurbach assignala que é na paixão que a religião tem sua raiz, dizendo: «O homem trata as coisas mortas como si fôsem vivas, considera como arbitrario o que é necessario, anima por seus suspiros o objecto de seu amor, porque então lhe é impossivel dirigir-se a sêres privados de sentimentos...»

São as lagrimas do coração que, evaporando-se para o céo da phantasia, fórmam a imagem nebulosa da divindade. Homero dá por origem de todos os deuses o oceano, que abraça o mundo; mas este oceano tão rico em divindades não é, na realidade, sinão um effluvio dos sentimentos.»

Contemporaneo do *elephas primigenius*, as idéas supersticiosas lhe povôam o cerebro estreito. E, através dos diversos periodos de civilização moderna, indifferentes a elles, por uma sobrevivencia prehistorica, os selvagens actuaes são physica e moralmente contemporaneos do homem da pedra. Comprovam-no os trabalhos de Lublock, de Tylor, e as descrições dos viajantes, accordes em estabelecer a identidade do viver selvagem e suas idéas actuaes, contemporaneos das idéas primitivas, da idade do mammoth.

O longo periodo do desenvolvimento anthropomorphico é dominado pela idéa de causa.

Inconscientemente quasi, ferido pelo mundo que o cercava, esporeado por necessidades insuperaveis, o homem primitivo interrogou-se a si proprio:— porque se movia, porque a pedra tombava e se precipitava no abysmo e porque a tempestade rigida soprava? E sua intelligencia assim interrogada respondeu-lhe naturalmente que — si elle se movia era porque o queria e si a pedra se despenhava e a tempestade explodia, havia de ser necessariamente por identico phenomeno.

Elle é, pois, a causa de seus actos e toda a natureza uma successão de causas *sine qua non*.

Deste ponto de partida, observado na vastidão da philogenese humana, é que abrolham as concepções theogonicas, as concepções geraes do mundo, as theorias da causalidade e finalidade primevaeas. Sim, ha no fundo da natureza humana uma tendencia inventivel para explicar problemas cuja solução paira acima dos phenomenos visiveis e que a alma quer forçosamente resolver. Si, no dizer de Hellwald, a origem das religiões tem sua razão de ser no impulso primordial do homem a formar idéas; a razão de ser da genese das philosophias consiste na ancia de desvendal-os á luz do *processus* natural, que Louis Gumplowicz divide em siderico, chimico, vegetal e animal; do *processus* social, em suas multiplas manifestações e sub-manifestações humanas ou nacionaes; do *processus* intellectual em seu triplice aspecto: — sensibilidade, intelligencia e vontade.

De accordo com o methodo historico naturalistico, é só no dominio da mais alta antiguidade, que remonta aos livros sagrados da China, do Egypto, da Assyria, que nos é dado encontrar os primevos esboços de cosmologia e sociologia, de psychiatria e uoral, bases fundamentaes da metaphysica.

Todavia, quer nos fundamentos do Pantheismo indico, do Dualismo persa, em Hesiodo como em Homero, nota o auctor de *La Philosophie* que o observador jámais descobrirá a concepção da regularidade e da independencia de leis naturaes, até então desconhecidas. Do que ali fica, pôde-se affirmar que o periodo *architectural do universo* é a phase do empirismo em demanda de reductividade, especie de *dynamismo generalisado*, com a tendencia de explicar os phenomenos recorrendo a energias ou forças a elles inherentes, o que importa o mundo explicado pela acção de certos factores ou elementos.

Circumscriptos aos limites de uma ligeira noticia de cosmogonia anthropomorphica, por indispensavel ao nosso fim, não vizamos sinão estabelecer a synthese dos principios conducentes á solução do problema que objectivamos. E com semelhante intuito, basta que accentuemos, desde já, com o orientalista de *La Bible dans l'Inde* — que a Asia, como o demonstram as sciencias naturaes, é o berço do mundo, ponto de partida da humanidade, donde hão marchado, em grande e luminosa trajetoria para o occidente, sua linguagem e suas leis, sua moral, sua litteratura e sua religião. E por isso alguém já o disse com razão: «A historia da philosophia

da Índia é o abrigo da historia philosophica do mundo», e melhor se affirmará com Jaccolliot — que as tradições poeticas, religiosas e philosophicas dos povos antigos e modernos tiveram alli a sua origem — no culto de Zoroastro, nos symbolos do Egypto, nos mysterios d'Eleusis, no sacerdocio de Vesta, no Genese da Biblia e suas prophcias, na moral de Samos e nos ensinamentos do christianismo. A direcção geral de espirito entre os povos da alta antiguidade, que é dominada pela obra de Confucius, na China; pela mythologia, theologia e lithurgia dos tempos de Cheops, Chéphren e Mycerinos, no Egypto, pelos magos da Chaldéa, pelos assyrios e semitas; deu nascimento á philosophia grega, que se denomina a philosophia occidental, pelo decurso do ultimo seculo, justamente quando a Chaldéa, a Assyria, a Phenicia e o Egypto concluíram a elaboração das idéas compatíveis com o seu genio.

E o que fôram essa philosophia e artes gregas e sua repercussão através dos seculos até os nossos dias, que o diga Sylvio Roméro escrevendo a proposito diverso:

«E' costume dizer-se que a trama complicadissima das idéas no nosso tempo, no que concerne aos dominios superiores do espirito, dimana de quatro fontes principaes: a philosophia e arte dos gregos, a religião dos israelitas, o direito dos romanos» para, em seguida, notar que, «a despeito de todo o ingente esforço do espirito critico e da investigação scientifica, só muito a custo tem a razão conseguido se libertar, mas só em parte, das imposições daquelle quadrupulo fanatismo.»

E' que de modo inilludível se manifesta por toda parte a existencia do *fiere* perpetuo que rege o *processus* natural, social e intellectual. Quando os povos primitivos se deixaram dividir na historia, escreve Zaborowski, já apparecem providos de tradições que attestam a existencia do mais remoto passado.

Mas, essa antiguidade incommensuravel, como força influenciadora, não desapareceu de todo através dos seculos, e, apesar de depurado ao crysol das civilizações, o homem primitivo existe em nós e talvez para todo o sempre. Por outro lado, si as concepções abstractas, os principios absolutos, comparados por Maudsley ás bellas virgens sagradas, admiraveis, mas estereis, surgem, apesar de diferenciados, no espirito do homem de hoje por uma reminiscencia atavica das primitivas illusões perdidas, como duvidar das influencias, diremos melhor—do *emperium* desse passado a que elle não pôde deixar de se sub-

metter? O que foi, porém, a philosophia grega, sua influencia e repercussão no mundo intellectual até os nossos dias, tal será o objectivo das linhas que se seguem, no imprescindível ao nosso escorço de *physiophilia philosophica*.

E veremos como e a razão porque, na trama complicadissima das idéas, inauguradas pelos sophistas, nomeadamente por Socrates e Platão, predecessores com Pythagoras da grande obra de Aristoteles, se estabelecem o *dualismo*, do qual surgiram varios matizes, especies de filigrannas do pensamento, por seculos de elaboração no mundo grego occidental.

PRADO SAMPAIO.

PARA PROVAR a isenção com que acolhemos a critica do sr. Sylvio Roméro ao livro *America Latina*, do sr. Manoel Bomfim, escrevemos a este nosso collaborador abrindo-lhe as columnas dos *Annaes* a uma resposta na altura da aggressão. O sr. Bomfim respondeu-nos porém, com a carta que abaixo váe.

UMA CARTA

A proposito da critica do sr. Sylvio Roméro ao livro «America Latina.»

MEU CARO AMIGO SR. WALFRIDO. — E' muita a sua gentileza—de repetir-me em carta o offerecimento feito por intermedio de um amigo. Venho agradecer-lh'o.

Você põe á minha disposição as columnas dos *«Annaes»*, para que eu conteste a extensa descompostura pasada á minha *America Latina*, pelo sr. Sylvio, garantindo-me estar prompto a «acolher uma resposta na altura da aggressão». Lamento não poder aproveitar esta occasião de hourar-me collaborando nas columnas da sua estimada revista. Não responderei directamente ao sr. Roméro. Os sentimentos que lhe animaram a penna nessa extraordinaria critica são taes, e tão claramente se exprimem, que me dispensam de tratar directamente com elle. E' um individuo que não tem, siquer, o pouco de educação e de bom gosto necessarios para mascarar em publico os furores da inveja e da colera. Os seus 19 artigos são outras tantas séries de contorsões grotescas, gestos e assobios, onde a gaiatice insípida mal encobre um despeito minaz e vil, traíndo um espirito que até na decrepitude é ridiculo e pretencioso.

O sr. Roméro foi sempre um endeusador prejudicial e enfadonho, ou um *xingador* destemperado, xingador sem vehemencia, sem verve e sem brilho, na abundancia logomachica dos degenerados mentaes. Dos que o conhecem, os que o estimam teem-lhe dó; os outros desprezam-no, como bem merece ser despresado o critico que só se agita movido pelo odio invejoso, ou pela reciprocidade do elogio.

Eis a razão por que, escrevendo eu um livro sobre factos sociaes de nosso meio, nunca me caíu da penna o nome desse critico, que pretende entender de taes assumptos, e tanto se tem occupado delles; eis a razão por que não me lembrou, siquer, offerecer-lhe um exemplar do meu livro... Desprezava e desprezo esquecidamente o infeliz grosseirão. Elle, porém, distingue-me, e preocupa-se commigo de modo excepcional. E desta preocupação, e deste zelo foi victima o meu illustre amigo, que viu a sua revista entupida, em 19 edições, pela prosa informe e villã do pretencioso critico. Essa distincção me levaria a pensar nelle, si o respeito que devo a mim mesmo—ao meu caracter e meu pensamento, não me impedisse de tratar directamente com um homem que, sem motivo confessavel, faz da sua critica a diffamação systematica, a injuria insôssa, o remoque soez e aparvalhado.

E, quando assim não fôra, nem por isto estava eu obrigado a responder-lhe. O meu livro é a recapitulação rapida de uns tantos factos historicos incontestaveis, factos de que en induzo um principio geral, uma theoria, baseando-me em noções rigorosamente scientificas, noções de sciencias biologicas e naturaes. Com essa theoria procuro explicar as perversões e os vicios notados na evolução das sociedades latino-americanas. Para julgar e criticar uma obra tal, é indispensavel um relativo preparo scientifico. Ora, o critico do Lagarto é de uma ignorancia absoluta, radical, e, já agóra, irreductivel, uesses assumptos. E é por isso mesmo que elle tanto se esforça para reduzir o livro a uma simples dissertação de historia—de que presume entender. Para que o meu illustre amigo ajuize da ignorancia do tal critico nestas sciencias, basta lembrar-se disto: elle acredita e

affirma que durante o periodo glaciario da Europa já existiam civilisações historicas na Média e na Bactriana!. Elle não sabe—bemaventurado! — que esse periodo glaciario foi geral para todas as zonas isothermicas do hemispherio norte — porque a meteorologia não conhece as nossas convenções geographicas. No entanto, elle pensa que só a Europa—porque sómente allí os vestigios do *diluvium* tem sido bem estudados — que só aquella parte do mundo passou pela phase glaciaria; e diz que, com esse periodo, coincidiram civilisações historicas na Asia. Não me espanta que um criticographo considere as civilisações historicas da India e da Média contemporaneas do *diluvium*, que occorreu nos fins do periodo terciario — começo do pleistocenio, justamente na epocha em que apparecem os primeiros signaes incontestaveis da existencia do homem no Planeta. Não me admira isto; elle está no seu papel de ignorante, disseminador de insanidades mentaes; o que me espanta é que não se lhe note nenhum movimento de pejo ao falar destas coisas. E' que lhe falta, não só o preparo, a sciencia, como tambem o methodo scientifico de pensar e julgar. O velho cacographo nunca passou de um verbocinante, indigesto na fórma, cahotico na substancia. Por isso, todos o reconhecem: não ha desprazer intellectual comparavel ao de lel-o. A sua mentalidade é um pantano de ignorancias, invejas e vaidades.

« Mas ha accusações formaes — de erros e contradicções, accusações que devem ser rebatidas », dirá você.

Ainda neste caso, poderia eu excusar-me a essa polemica, que me obriga a um contacto espirital tão pouco agradável. Entregaria o livro e a *critica* ao julgamento dos que os pódem julgar. Mas não será assim.

Não quero que seja assim. O meu livro é uma obra de amor — de muito amor á minha terra. Quando o escrevi, roubando o tempo ás excursões, aos passeios e aos estudos que deveria fazer na Europa, é porque estava convencido que se deviam dizer e propar as verdades que nelle se dizem. Eu bem sabia que o reaccionarismo dos eternos exploradores acharia pen-

nas que me enxovalhassem. Esperava por isso. Eu o sabia, e bem o disse: que a exploração, o parasitismo, a violencia e a injustiça dispõem de uns pseudo-sabios para defender-se. São esses mesmos que, ha duzentos annos, seriam negreiros ou pegadores de indios — si tivessem coragem de affrontar a morte; hoje são *theoristas*, a serviço dos fortes e sugadores.

Sempre foi proposito meu aproveitar esses *ataques* para repetir e reforçar as affirmações do meu livro. Eis que apparece o infeliz (cujo ultimo avatar criticologico é um lusitanismo agudo) e aggride-me. Aceito jubilo os seus doestos; não lhe respondo directamente porque elle não tem direito a essa resposta. Mas acharei occasião, e muito brevemente, de, propagando as idéas que me são caras, mostrar os verdadeiros intuitos dessa critica alagada e insultuosa, e de reduzir ao que ellas valem as suas repetidas accusações. Serenamente, e implacavelmente, mostrarei tambem de que lado estão as *asneiras*, os *dislates*, as *chatices*, os *erros grosseiros*, as *toleimas*. . . como se diz no estylo predilecto do criticographo.

Não perderei occasião, por mais que me penalize amargurar a alma, já naturalmente odienta e turva, de um homem cuja insensatez mais se accentua com a velhice, e cujos despeitos invejosos crescem na medida do justo desconceito em que o tem o publico letrado daqui. E' um pobre de espirito, que váe até a reforçar a sua *critica* com as mofinasinhas anonymas nos *apedidos*, ancioso por fazer escandalo em torno dos desalinhavos com que annunciava « liquidar » o meu livro. E mais lhe cresce a amargura e o odio, porque elle bem sabe que a sua critica, hoje, não faz mal, nem bem, não faz, nem desfaz reputações: é uma enxurrada, nada estranhavel nesta epocha de cheias e brejaes. Serve, quando muito, para os submediocres do interior, que, ingenuos, ainda pensam haver alguma significação de critica na sonoridade desta meia duzia de syllabas — *sylvioroméro*.

Creia-me muito amigo e admirador

MANOEL BOMFIM.

15 de março de 1906.

CONTRA OS FURTADORES

CARTA AO CEARÁ

Em fins do anno passado o Supremo Tribunal Federal concedeu numerosos mandados prohibitorios a favor dos commerciantes do Ceará e contra o fisco estadual, fulminando assim, por inconstitucional, a lei n. 789, de 29 de julho de 1905, que creava um novo imposto de 3 % sobre o valor do conjuncto das transacções de cada estabelecimento commercial. Essa lei visava substituir o imposto de industria e profissão pelo de importação e cabotagem e pelo inter-estadual cumulativamente, o que, como se sabe, é expressamente vedado. Promovia retalhistas a commerciantes em grosso, tributava repetidas vezes o mesmo contribuinte e o imposto por ella creado, além de exorbitante, era aleatorio, iniquo, inoportuno. Finalmente, constituia uma poderosa arma de perseguição, e corrupção, porque o fisco estadual era quem regulava o valor dessas transacções e, no caso de reclamação, quem nomeava *exclusivamente* os arbitros que deviam decidir, não cabendo ao contribuinte sinão louvar-se em um dos nomeados; e ainda porque da extorsão do fisco não existiam de facto recursos, pois tanto valia creal-os do exactor fiscal para o secretario da fazenda e para o presidente. E quanto ao seu caracter extorsivo, basta allegar que havia casas commerciaes collectadas em . . . 41.150\$000 annuaes (quarenta e um contos cento e cinquenta mil reis)!

Agóra chegam do Ceará noticias de um novo assalto ao indefezos povo cearense, premeditado pela voráz quadrilha. Apesar de promulgada a lei orçamentaria, o olygarcha convocou os seus famulos arregimentados em congresso para votar um novo imposto de consumo, analogo ao que já por tres vezes o Supremo Tribunal Federal condemnou.

E mais uma vez nós nos sentimos na obrigação de falar ao Ceará, sem rebuços, porque de lá nos pedem socorro, nos pedem o concurso do nosso clamor.

Apenas as victimas que nos imploram auxilio, pensam que o remedio está aqui: nós sabemos que o remedio está lá mesmo.

Attenda-nos o povo cearense.

1. — O Ceará é um territorio entregue a pilhagem organizada em beneficio de alguns individuos. Ahi não ha governo, ha um syndicato de peculatórios enriquecendo á custa do povo. Um individuo astucioso apoderou-se do poder num dos momentos de crise por que tem passado esta patria e cercou-se de meios de defeza sufficientes contra uma população inermé,

fraca, reduzida pelas seccas e sem educação civica. Organizou uma milicia, collocou creaturas da sua confiança em todos os postos de administração, creou uma magistratura provida na sua maioria por sêres desfi-brados e um corpo legislativo de escravos, que dá uma apparencia de sanção ás leis que elle, senhor, fabrica. Apparelhado desta sorte, iniciou uma larga colheita de dinheiros publicos em prôveito seu, da sua familia e dos seus auxiliares.

2. — Prove-se isto desde já. A lista civil da familia do olygarcha cearense peza nos cofres do Estado em cerca de 300 contos annuaes. São funcionarios publicos, pensionistas do erario estadual, (alguns accumulando tres e quatro cargos): quatro filhos, dois genros, dois cunhados, quatro sobrinhos, vinte primos e primas, vinte parentes affiis (cunhado e concunhado de filho, sogro de filha, irmão de genro, primo de cunhado, etc.), afóra parentes mais afastados e outros que socegados rôem o seu osso aqui e alli, pelas cidades e villas do interior.

3. — Agóra o orçamento. Sabe-se que o Ceará é horriavelmente victimado pelas seccas. Parte das rendas tributarias deveriam ser applicadas a conjurar esse flagello. Pois o orçamento não tem uma verba, por insignificante que seja, applicada a esse fim. Vejamos o de 1903, que é o mais moderno que no momento possuímos.

A receita é fixada em 2:717.470\$361 e o despeza orçada em 2:689.795\$778.

DESPEZA DISCRIMINADA

Governo do Estado.....	47:943\$580
Assembléa legislativa.....	75:232\$000
Tres secretarias (pessoal, publicações e expediente)....	197:850\$333
Magistratura.....	366:941\$666
Milicia, policia e cadeia.....	624:027\$900
Repartição de estatistica (pessoal).....	16:595\$000
Arrecadação de rendas (pessoal).....	237:206\$000
Pensionistas.....	248:442\$310
Diversos (pessoal).....	33:800\$000
Total.....	1.848:038\$789

Como se está vendo, dos 2.689 contos 1.848 são destinados exclusivamente ao pessoal empregado na machina do Estado. Os restantes 841:756\$ são applicados da seguinte fórma:

HYGIENE	
Pessoal.....	9:098\$000
Serviços.....	2:400\$000
BIBLIOTHECA	
Pessoal.....	4:998\$000
Expediente e livros.....	1:200\$000
INSTRUCÇÃO	
Pessoal administrativo.....	71:792\$000
Professorado.....	469:064\$000
Expediente, material, utensilios e aluguel de casas.....	60:704\$000
ASSISTENCIA.....	25:000\$000
ILLUMINAÇÃO.....	197:500\$000
Total.....	841:756\$000

Os serviços publicos no Ceará consistem, portanto, nestas cinco rubricas: Hygiene, Bibliotheca, Assistencia, Illuminação da Capital e Instrucção Publica. Ha, realmente, uma bibliotheca e uma illuminação na capital. Mas não ha hygiene, nem assistencia, nem instrucção.

Quanto á hygiene, basta considerar que o pessoal consome nove contos e o material 2:400\$. E quando ha pouco uma epidemia de caimbras de sangue dizimou as creanças e mesmo pessôas adultas na Fortaleza, o inspector de hygiene veio pela imprensa declarar que nada podia fazer contra a epidemia e que cada qual tomasse as suas precauções. Nem um real foi despendido, apesar da imprensa official annunciar que havia no thezouro um saldo de mil contos.

Quanto á instrucção. Ainda ha pouco tempo o *Jornal do Commercio* ingenuamente observou que o Ceará é um dos Estados que mais gastam com esse serviço. De 1903 para cá a verba a elle destinada cresceu. Era de 601:560\$ nesse anno; no orçamento para 1906 é de 647:276\$487. Mas destes 647 contos 240:535\$ se applicam ao pessoal da Faculdade Livre de Direito, do Lyceu e Escola Normal: e apenas a quantia de 406:741\$487 ao ensino primario. Mas, mesmo na tabella do orçamento de 1903 verifica-se esta coisa significativa: com o pessoal despende o thezouro perto de 550 contos e com o material (expediente, material, utensilios, alugueis de casa) 60 contos. Não estranhará essa proporção, ou antes, essa desproporção, quem souber que no Ceará a iustrucção primaria é um ninho que abriga os filhotes politicos incapazes dos reguletes politicos locais.

Então que é o orçamento no Ceará? A receita é uma tarrafa de malhas estreitas que pesca dinheiro onde ha e até onde não ha. A despeza é a distribuição do dinheiro colhido, pelos parentes e apaniguados do olygarcha. Simples, como se vê.

4. — Mas ás vezes, sobra alguma coisa desse rateio systematico. Então o olygarcha, os parentes e os aggregados criam subtis processos para fazer derivar do thezouro para as suas bolsas o que acaso sobeje. E são privilegios, monopolios, concessões, negociatas, indemnisações, contractos, etc. E como tudo se passa em familia — a assembléa ou o presidente concede, o thezouro paga, os juizes acham tudo perfeito, a imprensa official applaude, a soldadesca impõe a execução e o silencio — não ha protestos que valham, nem escandalos publicos que avultem. Quem grita, grita sem provas, porque os documentos são sonogados, as certidões recusadas, os recursos protellados. E si ha exaltados que queiram uzar de meios

mais efficazes para revelar a sua indignação ou defender-se, a milicia fardada os massacra legalmente e a mesma milicia a paizana os assassina nas ruas, garantida com a impunidade.

5. — Quando o coronel Bezerril deixou o governo em 1896, ficaram no cofre do Estado perto de 3.000 contos. Foi o olygarcha quem o substituiu. Ao findar este o seu quatriennio e ao passar o governo ao dr. Pedro Borges, este encontrou em caixa algumas dezenas de mil réis. Isto é: os 3.000 contos e mais os 10.000 contos arrecadados no quatriennio, o olygarcha com o seu pessoal os devorou completamente. Nem nma despeza util ao Estado coucorreu para essa liquidação radical.

6. — De quando em quando, por pura inepecia, essa gente fabrica nma lei tributaria que vem de encontro ás leis federaes. E' quando os roubados pôdem gritar com apparente efficacia, porque o Supremo Tribunal Federal decreta a nullidade da lei. Justamente este era o caso da lei n. 789 e parece o caso da actual.

Leis como estas serão sempre derrocadas. Mas isso basta? Só com essa resistencia terá o commercio cumprido o seu dever civico? O Supremo Tribunal condenará reiteradamente o latrocínio do olygarcha e o olygarcha, esgotando todos os recursos da chicana, recuará outras tantas vezes. Mas, logo, fará votar pela sua assembléa nma nova gazúa tributaria que substitua a que lhe partiram nas garras. O commercio pôde viver essa vida de conflictos, de demandas e de resistencias legaes? Imagina o commercio que essa gente recúe e desista dos seus intuitos espoliadores? E quando finalmente a olygarchia acertar um processo de tributação prohibitiva que não possa ser taxado de inconstitucional, de que recurso lançará mão o commercio? Espera que os juizes do Estado lhe dêem razão e façam justiça contra o olygarcha?

7 — Ora, a situação é esta. Todo dinheiro arrecadado pelo fisco do Ceará é adjudicado, sem muita cerimonia, ao patrimonio dos individuos que se apossaram do poder. Logo, todo imposto cobrado por essa gente é um furto: os inconstitucionaes e os que o não são. A população inteira do Ceará trabalha e morre a fome exclusivamente para engordar a assanhada tribu de vadios que parasita sobre ella. A propriedade do cidadão no Ceará é alvo de uma insoffreavel cobiça. Preste-se uma attenção cuidada aos movimentos dessa informe massa parasitaria que se estende, flacida e repulsiva, sobre essa desgraçada terra e notar-se-á que esses movimentos tendem, — todos elles, — tendem simplesmente a dois fins: apprehensão e deglutição—

arrecadação dos haveres dos servos indefezos por todos os meios imagináveis, criação de processos adequados á inteira incorporação desses haveres na economia do monstruoso vampiro.

8.—O commercio deve, pois, desistir de toda reclamação no terreno legal e recuzar-se simplesmente e obstinadamente ao pagamento de qualquer imposto. Essa attitude civica é a unica compativel com a dignidade e a moral. Essas quantias gastas em questões improficuas, esses dinheiros atirados aos furtadores do povo, deve o commercio empregal-os em se cercar de meios adequados de defeza.

9.—Essa attitude é praticamente possível? Sim. No dia em que as classes médias do Ceará se compenetrarem do seu dever e reagirem por essa fórma, todo o povo as acompanhará e a ridicula dymnastia tombará irremediavelmente. No emtanto, não aconselhamos uma revolução de caracter politico. O que recommendamos é uma reacção tenaz e proficua. Negar-se a concorrer para praticas deshonestas, abster-se de cooperar em actos que as leis e a moral punem e flagellam, defender-se pela inercia do peculato desbriado que é no Ceará a norma administrativa, não é fomentar nem enca-beçar revoluções. Agóra, si, não se conformando com a recusa digna da população, a olygarchia pretender coagil-a pela força a submeter-se á sua criminosa exigencia, então sim, a repulsa no terreno da força, até quanto baste para fazer recuar a matilha voraz, é um direito e é um dever. E si por ventura succeder que no conflicto sáiam os aggressores mal feridos, tanto melhor porque se evitarão futuros maleficios; mas isso não é uma revolução e sim um acto de stricta defeza.

10.—Todo o povo do Ceará é interessado nessa importante questão, porque, quando o commercio acabar cedendo á extorsão, por verificar, como verificará, que a sua resistencia, aliás digna de elogios, é completamente improficua, quando isto se dér, o povo é que pagará realmente os tributos affrontosamente creados pelos incorrigiveis malandrins. Ao povo diremos que é preciso pôr-se ao lado do commercio neste momento, porque é o seu pão que lhe querem roubar, é a subsistencia da sua familia que lhe querem arrancar. Esses impostos revertem de qualquer modo em beneficio do territorio ou da população? Não! Portanto não são impostos, é uma rapinagem. O povo fiscaliza a applicação das rendas, é ouvido, é consultado na fixação tributaria? Não! Então não é um orçamento o que chamam orçamento no Ceará e sim o *Deve e Haver* de uma commandita de aventureiros que ex-

plora e tosquia um povo pauperrimo e infeliz.

Si o povo do Ceará se collocar ao lado do commercio, prestigiando-o em todo o terreno e si o commercio quizer cumprir o seu dever, a olygarchia sinistra succumbirá pela fome.

E de qualquer fórma é preciso que ella desapareça, porque ella é uma sanguessuga e um ultraje: collabora nos grandes flagellos climatericos, mais do que elles assanhada e implacavel, numa fome insaciavel de dinheiro — *sacra famas auri* — gasto e falho o verniz de um primitivo pudor; dá uma deshonorosa idéa dos brios de um povo que mereceu o epitheto mais nobre com que se possa corôar um povo.

E' preciso que por qualquer preço a estirpe maculada desses reprobos seja varrida para longe, não já tanto por ladra, mas principalmente por aviltante e ignominiosa.

Esta linguagem arrepia os escrupulos dos comedidos, dos pacatos. Mas é nossa a culpa si a verdade é assim cruel? O momento é de se ouvir e attender este eloquente conselho de Bruno Barbosa, o magnifico poeta cearense:

Poetas de meu paiz! eis que é chegado o
De illuminar com o verso esta profunda
Transformae vossa lyra em latego infa-
Transformae vossa lyra em rodizio de açoite
Sobre a malta de anões que prende este gi-

Rio, março de 1906.

FROTA PESSÔA.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

A capacidade offensiva e defensiva dos navios de guerra, isto é, a intensidade e potencia dos seus instrumentos de destruição e os meios de resistencia á acção das armas do ataque; o estudo dos principios, regras e character da tactica naval são questões cujo exame preliminar se impõe para a apprehensão cabal dos dados reguladores do problema do artilhamento das costas.

Essa apreciação preparatoria nos conduzirá de um modo racional á sua verdadeira solução, afastando todos os dados empiricos em que se fundam aquelles que abandonam essa consideração de ordem organica e tactica para affeiçoa-la ás suas creações de natureza puramente technica.

Os altos progressos da arte militar contemporanea, em relação aos seus instrumentos e methodos de combate, trazem como consequencia obrigada uma adaptação mais intima, mais

harmonica e equivalente na sua mutua opposição. Si na antiguidade, a sin-geliza, a rusticidade dos elementos empregados na guerra alargava o campo de applicação das concepções de cada um, com resultados mais ou menos satisfactorios, hoje, ao contrario, os aperfeiçoamentos no armamento restringem esse arbitrio a proporções muito limitadas.

E como o papel destinado ás baterias de costa é de se oppor ás tentativas dos ataques dos navios de guerra inimigos, procurando destruil-os com os recursos á sua disposição, necessario se torna conhecel-os de antemão para melhor eger os meios e disposições a adoptar na sua construcção.

Em meio da diversidade apresentada pelas unidades componentes das esquadras dos diferentes paizes, alcançando condições essenciaes, distingue-se um typo commum que define a sua capacidade offensiva e defensiva, sob o ponto de vista material.

Necessariamente é dispensavel descer, nesta ligeira apreciação, á consideração das diversas modalidades que apresentam os navios de combate; o nosso intento se satisfará com os elementos fornecidos pelo mais forte, mais poderoso, pois tudo quanto assignalarmos para esse caso, se estenderá aos demais.

Os acontecimentos passados na recente lucta russo-japoneza não deveu igualmente ficar em esquecimento, taes os exemplos invocados por muitos profissionaes como seguros guias para a construcção das futuras unidades de guerra naval.

Muita gente, a grande maioria mesmo dos que se teem dedicado ao estudo critico das acções navaes que alli se desenrolaram, procurando com louvavel intenção diffundir largamente os ensinamentos daquella campanha, entregou-se com demasiada confiança aos factos transmittidos pelas primeiras noticias, sem muito se preocuparem com o exame acurado e indispensavel das circumstancias particulares que os acompanharam.

Affigura-se ao leigo na materia e ainda aos profissionaes pouco atilados, que a celebre batalha de Tsushima, revelou ao mundo coisas até então inteiramente desconhecidas e que a nenhum mortal era dado suspeitar, cantando-se aquella victoria com tal abundancia de maravilhosos factos que, realmente, a terem a ornamentação apregoada, causariam motivo de verdadeiro assombro.

De ha muito tempo, estamos acostumados a essa gritaria entusiastica pelos pretensos e illimitados ensinamentos de dadas campanhas, originada pelas noticias de occasião revestidas de muita lenda, e que justificam

o conhecido dito popular : — em tempo de guerra, mentira como terra.

Nos nossos dias, ainda muito recentemente, succedeu assim ao correr e após a guerra hispano-americana e a anglo-boer; a mésse interminável de ensinamentos foi com a successão dos dias diminuindo consideravelmente e, em seguida a estudos mais aprofundados e menos apaixonados, elles surgiram com caracter menos surpreendente e mais natural.

Com a guerra russo-japoneza, devemos confessar, as operações militares tiveram outra extensão e regularidade, pelo que é licito esperar que alguma coisa nova appareça para ser apropriada ás luctas futuras; mas, por emquanto, cumpre guardar certa reserva para evitar decepções posteriores.

A desigualdade dos partidos contendores, principalmente no mar, era bem accentuada, o que resaltarão da ligeira analyse que nos propomos a fazer das circumstancia mais frisantes que precederam e occorreram durante a batalha de Tsushima.

TENENTE MAX.

O ALMIRANTE (74)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

Hortencia não respondeu á ironia do medico; corou, confusa, procurando disfarçar a commoção que lhe sacudira todas as febras; retraíu-se envergonhada como si fôra surpreendida em flagrante cobardia, faltando á promessa de absoluta abnegação ao homem que agóra tinha sobre ella todos os direitos de esposo. E a essa idéa terrível a sua nova situação se desenhava nitidamente; ella comprehendia, em toda a intimidade, o vinculo inextinguível, comprimindo-lhe o coração, supprimindo-lhe a liberdade, reduzindo a uma estreita área de acção os seus impulsos de moça, marcando limites assignalados pelo dever ás suas aspirações, aos seus fulgurantes sonhos de ventura. Ella se sentia captiva, sequiosa de luz, de espaço, agrilhoada aos severos dictames da honra, condemnada á obediência de coisa que se alienára numa subordinação de que sómente a morte poderia libertal-a.

Terminado o tratamento da ferida, o medico fez minuciosas recommendações, indicou varios medicamentos na previsão de accidentes, de crises provaveis, e lhe não poupou esclarecimentos muito francos sobre a gravidade daquelle transe, que poderia ter

um desenlace fatal si não sobreviesse, como era de esperar, uma reacção benéfica.

— Confiando na sua energia — concluiu elle — eu tenho o dever de informal-a da situação do enfermo, e conto empregará todos os esforços para serem observadas, á risca, as minhas prescripções. Si, todavia, não se sente com forças para proseguir na sua caridosa tarefa, procurarei uma pessoa habilitada, um profissional que se incumba do tratamento...

— Não doutor — disse Hortencia, com vóz firme — eu cumprirei até o fim o meu dever.

— Pense bem. A senhora confia de mais nas suas forças; os seus nervos pôdem traíl-a outra vez...

— Não tenha receio..

Quando o medico se retirou, a marqueza acercou-se de Hortencia, pedindo-lhe informações, a opinião do homem de sciencia sobre aquelle accesso que tanto as impressionára.

— Apezar da minha fé — observou a marqueza, ainda vibrando de terror — pensei que ia morrer... naquelle momento o meu adorado filho... Que coisa horrível!... Oscar parecia hallucinado...

— Foi uma crise... — ponderou Hortencia — muito vulgar nesses casos, disse-me o doutor. Vá repouzar Guilinha; elle está calmo. Veja como dorme tranquillamente...

A marqueza fitou olhos afflictos no semblante de Oscar, immobilizado num somno extenuante, esaíndo lentamente da bibliotheca foi occupar o seu posto no pequeno salão, frouxamente illuminado por uma lanterna opaca suspensa sobre o patamar da escada.

Mais tarde, voltaram d. Eugenia, Marianinha e o conselheiro. Chegaram de manso, os passos abafados na espessa alcatifa, aventurando olhares indagadores e não ouzando interromper o silencio da marqueza, immersa nos seus presentimentos, embebida no fluxo de duvidas, de esperanças que lhe assoberbavam o coração.

— Como váe elle? — arriscou d. Eugenia, em vóz baixa depois de longa pausa...

A marqueza fez um gesto impondo silencio.

— Alguma novidade? — inquiriu por sua vez Marianninha, dirigindo-se a d. Eugenia.

— O medico aqui esteve. Si alguma coisa houvesse, elle teria communicado ao Antonino, com quem falou, de passagem..

O conselheiro fez com a cabeça um signal negativo e tomou um assento perto da marqueza, que parecia completamente estranha á presença dos amigos, absorvida pela cruel lucta travada no seu espirito, ouvido attento ao menor ruido, ás rajadas intermit-

tentes do vento que agitava a ramaria frondosa do parque, sepultado em densa treva, ás palavras murmuradas á surdina pelas duas senhoras, preoccupadas com aquella attitude de severa impassibilidade.

Hortencia afastára do leito do enfermo a poltrona de couro da Russia para junto da meza em que estavam os medicamentos e um pequeno relogio, cujo mostrador de porcellana, illuminado pela lampada, era percorrido lentamente pelos ponteiros de aço polido. Chegára a hora de ministrarlhe um calmante; ella tomou um pequeno frasco, leu no rotulo, entre outras palavras, *morphina*; a mão estremeceu-lhe numa críspação, e seus olhos se toldaram como si lhe passasse pelo cerebro a torva sombra de um crime. Estava alli, naquelle escuro liquido, a libertação; algumas gottas mais bastariam para resolver aquella terrível conjuncção a que fôra arrasada por um excesso de dedicação, de abnegação imponderada, submettendo-a a um sacrificio absurdo, monstruoso, que ella tinha o direito de evitar por todos os meios no exercicio de uma defeza legitima. Um inteuso calefrio percorreu todo o seu corpo; o coração lhe arfava afogado numa onda de sangue, que lhe imprimia uma vaga sensação de vertigem. Concentrando todas as suas energias, ella depoz sobre a meza o sinistro frasco que lhe queimava as mãos e deliberou deixar o aposento para evitar a suggestão sinistra. Dado o primeiro passo para a porta, Hortencia estacou transida de terror á vóz de Oscar.

— Dolores, Dolores! — murmurou elle, em tom de supplica—Amo-te. amo-te..

— Dolores! — balbuciou ella, com amarga surpresa — São para ella os seus pensamentos.

— Dolores!. — continuou o enfermo, como si a vóz lhe expirasse nos labios num esforço doloroso—Perdô-me, perdô-me...

Essas palavras penetravam o coração de Hortencia como púas incandescentes.

(Continúa).

PAGINAS ESQUECIDAS

AO PE DO TUMULO

AOS MEUS

Eis o descanso eterno... o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas;
Eis o repouso emfim... e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cançadas.

Amarguras da terra! eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas
Que soluças por mim, eu vos bemdigo,
O' almas de minh'alma abençoadas!

Quando eu daqui me fôr, anjos da guarda,
Quando vier a morte, que não tarda,
Roubar-me a morte para nunca mais,

Em pranto escrevam sobre a minha lousa:
«Longe da magua, emfim, no Céu repousa
Quem soffreu muito e quem amou de mais.»

AUTA DE SOUZA.

* * *

VINGANÇA DE D. NUNO ALVARES PEREIRA NUM JANTAR

Era ordenada a sala em que el-rei e sua mulher haviam de comer, e gran parte dos fidalgos de Castella e de Portugal. Nella havia muitas mesas bem corregidas, e tres dellas eram principaes; a d'el-rei, que era travessa e bem levantada, como cumpria, e uma da parte direita e outra da parte sestra.

E entre aquelles, que eram assignados para comer nestas mesas com outros fidalgos, foram Nuno Alvares e Fernão Pereira, seu irmão; e, quando foi tempo para se sentarem, elles, com mesura, não se trigaram muito; e a mesa em que elles haviam de ser foi mui depressa cheia de portuguezes e de castelhanos, e elles ficaram por sentar, sem fazerem os outros d'elles conta, posto que fossem assás conhecidos, e estivessem corregidos de festa.

Nuno Alvares, vendo a mesa cheia, e que não tinham onde se sentar, disse, já quanto de sanhudo, contra seu irmão:

— «Nós não temos honra de mais estar aqui, mas parece-me que é bem que nos vamos para as pousadas; pero, antes que nos vamos, eu quero fazer que estes, que nos pouco prezaram e riram de nós, que riamos nós delles e fiquem escarnidos.»

Então, passeando mui manso, chegou-se ao cabo da mesa, vendo-o el-rei d'onde sia sentado, e com os joelhos derribou o pé da mesa e deu com ella em terra. Os que a ella siam ficaram espantados, e elle, com seu irmão, se partiram da sala, tão socegados como se não fizessem nenhuma coisa.

El-rei, que isto bem vio, perguntou que homens eram aquelles, e disseram-lhe como foram convidados e houveram de comer naquella mesa, e que os que siam não fizeram delles conta, nem lhes deram logar em que se sentassem.

— «Sei que se vingaram bem, disse el-rei, e quem tal coisa commetteu neste logar, sentindo isto que foi feito, para muito mais será seu coração.»

Porém el-rei não tornou mais aquillo, porque eram portuguezes, cá se foram castelhanos podera ser que tornára d'outra guisa.

FERNÃO LOPES.

O DINHEIRO DE S. PEDRO

De tal modo imitou o papa a singeleza
Do martyr do Calvario,
Que á força de gastar os bens com a pobreza
Tornou-se milionario.

Tu hoje podes ver, ó filho de Maria,
O teu vigario humilde
Conversando na bolsa em fundos da Turquia
Com o barão Rotschild.

A cruz da redempção, que deu ao mundo a [vida
Por te haver dado a morte.
Tem-a no seu bureau o padre santo erguida
Sobre uma caixa fortê.

E toda essa riqueza immensa, acumulada
Pos tantos financeiros,
O que é a economia, oh! Deus! foi começada
Só com trinta dinheiros!

GUERRA JUNQUEIRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A fadiga physiologica e psychica. —
Aplicações ao ensino. — Os recentes estudos do sr. Martial Vergnolle.

O sr. Martial Vergnolle publicou recentemente um importante estudo sobre a fadiga, assumpto de interesse geral, considerado do duplo ponto de vista—real physiologica, suggerida e psychica. No primeiro caso, fadiga muscular, offerece elle dois elementos principaes — um subjectivo, outro objectivo, comprehendendo ambos, em sua synthese, os exercicios onde não intervem a actividade cerebral, ou intervem ligeiramente como a dansa, a equitação, a canoagem, o cyclismo, a corrida etc, tudo quanto reclama um esforço quasi automatico ou instinctivo, differente do que exige uma attenção demorada, engendrando a fadiga cerebral.

A fadiga suggerida foi menos estudada do que a physiologica, sendo aquella objecto de especial estudo do auctor, que a considera resultante da representação mental mais ou menos intensa, do esforço executado ou a executar. Ella exerce influencias que podem ser utilmente empregadas. E, assim que as canções de marcha, recommendadas no exercito e vantajosamente praticadas em certos regimentos, servindo para conduzir homens do mesmo modo que uma allocução vibrante electriza os soldados: são conhecidos innumerados casos em que a victoria foi em parte devida aos discursos militares.

Suggerir o esforço que determina uma fadiga psychica póde ser um estimulante.

Essa suggestão não tem realmente outro fim e resultado, sinão provocar o emprego do capital dinamico real não exgottado.

Essas considerações teem applicação no ensino da mocidade, como succede na Inglaterra, em cujas escolas a manobra faz parte do programma dos trabalhos de aula, sendo o discipulo habituado a fazer diariamente, sob a inspecção do mestre, exercicios musculares nos quaes intervem a animação e a suggestão impondo fadiga.

Esse methodo poderia ser adoptado com inestimaveis vantagens nas escolas primarias.

* * *

A luz colorida e a cirurgia. — Anesthe-
sia pelas côres. — As experiencias
do professor Redard e do dr. Milliard.

O professor Redard, de Genova, fez recentemente uma série de experiencias curiosas sobre os effeitos psychologicos da luz colorida nas operações cirurgicas. Verificou que o corpo humano póde ser affectado de maneira distincta, segundo as differenças de coloração da luz que age sobre certo membro, sobre certo nervo. Investigações e observações repetidas demonstraram que nas operações de curta duração, esse meio poderia offerecer vantagens, anesthesiando os nervos em condições sufficientes para não occasionar soffrimento ao paciente.

Esse methodo foi tentado com successo, especialmente pela cirurgia dentaria.

Para o professor Redard, cada uma das côres do prisma tem uma acção bem definida sobre o organismo — o vermelho excita e irrita; o amarello, ao contrario, deprime; o azul acalma.

Na applicação anesthesica da luz azul, o paciente se colloca a 25 centimetros de uma lampada incandescente de 15 vélas, sendo a respectiva ampola de vidro azul munida de um reflector. A cabeça do paciente é coberta com um véo azul e seu olhar se dirige para a lampada. No fim de alguns minutos, elle se acha em estado de completa inconsciencia. Erguendo o véo, se verifica que a pupilla está dilatada e o olhar fixo, sendo, então, facil extraír um dente sem dôr. Dá-se, porém, que a operação se executa com mais successo em certos individuos do que em outros.

O dr. Milliard, de Londres, se serviu tambem da luz azul no seu gabinete dentario e affirma que, sobre trinta operações, teve vinte de completo exito.

Importa, entretanto, tornar bem evidente que a anesthesia não é devida ao hypnotismo, mas á acção directa da luz sobre os centros nervosos.

A electrotherapia. — Processos de galvanisação e faradisação contra atrophias musculares — As applicações.

A electrotherapia começa a ser applicada em muitos casos de accidentes de trabalho para combater a atrophia muscular resultante de contorsões, deslocacões, fracturas.

Os processos mais geralmente empregados são a galvanisação e a faradisação. No primeiro, se applicam correntes directas de 12 a 15 milliamperes durante um quarto de hora; no segundo, trata-se o doente por meio de correntes alternantes.

O dr. Renault obteve por este meio uma cura de fistula.

A electricidade intervem tambem com successo no exame dos simuladores, sendo a reacção absolutamente independente da vontade do paciente, methodo que presta excellentes serviços nos conselhos de revisão e nos exames de sanidade.

* *

Actividade do Sol

O anno de 1905, no ponto de vista de observação solar, caracterizou-se por uma agitação extraordinaria. Nunca se observaram tantas manchas, sinão tão numerosas, pelo menos tão extensas. As formações de outubro attingiram a proporções unicas até hoje. Uma dessas manchas de outubro medía cerca de 31.000 kilometros de extensão ou quatro vezes o diametro da Terra. Essas agitações solares, si bem que afastadas de nós cerca de 149 milhões de kilometros, tocam-nos, entretanto, muito de perto, pois é sabido que se attribuem a essas agitações os numerosos cyclones, as trombas e os tremores de terra que devastaram diversas regiões em 1905, e que são a característica excepcional desse anno meteorico que deixou uma bem triste lembrança.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Diz uma noticia de *La Stratégie*:

« Após um anno de ausencia, o sr. Marshall entrou em Nova York, depois de ter conhecido alternativamente as alegrias do triumpho e a amargura da derrota. Restalhe uma consolação: a sra. Marshall deu-lhe um bello e forte rapaz. Dirigimos-lhe as nossas felicitações. A' sua chegada, o sr. Marshall deu no Manhattan Chess Club, uma secção de 25 partidas simultaneas com o bello resultado de 19 ganhas, 3 perdidas e 2 nullas». Vê-se o tom levemente debochativo dos dois primeiros periodos. Numma Preti, parece-nos, não perdôa a Marshall a derrota infligida ha um anno a Janowski, o assiduo colladorador do seu jornal.

— Uma noticia Sensacional: o professor Isaac Rice que, se não merece muito do enxadrismo pelo gambito que inventou, muito merece pelo seu grande ardor em favor do

xadrez, propoz, no Manhattan Chess Club, em Nova York, formar uma confederação internacional para organizar *matches* de campeonato e grandes torneos, organisando-se então annualmente um *match* para o grande campeonato do mundo. O actual campeão do mundo, dr. E. Lasker, que ha annos conserva o bastão sem querer se aventurar a perdê-lo numa prova com os mestres que o têm desafiado, declarou que acceitava de bom grado essa idéa em sua plenitude. Por sua vez, o dr. Tarrasch, o forte mestre allemão, declarou que applaudia a idéa e que, tendo obtido mais successo que o dr. Lasker, pois que era mais facil bater o velho Steinitz que o jovem Marshall, não lhe competia desafiar o campeão do mundo, mas que estava disposto a jogar com elle um *match* para a disputa do campeonato.

Como se sabe, foi de Steinitz que o dr. Lasker tomou o sceptro que ainda impunha e é recentissima a brilhante victoria do dr. Tarrasch sobre Marshall.

Attendendo-se ao entusiasmo do professor Rice, é possivel que em breve grandes coisas se passem no mundo enxadristico, o que dará ao xadrez um forte impulso.

— O dr. E. Lasker joga por correspondencia com quem quizer medir-se e aprender com elle, compromettendo-se a fazer uma observação sobre cada lance do adversario. A tarifa é para os amadores de 25 francos e para os circulos e clubs de 50, por partida.

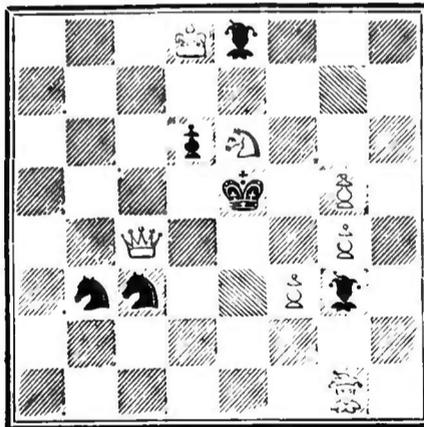
— Falleceram: a 30 de novembro do anno passado, em Philadelphia, G. Reichhelm, um dos mais fortes jogadores dos Estados Unidos e emérito compositor; na mesma data, em Hamburgo, S. Lipschutz, que foi campeão dos Estados Unidos de 1885 a 1887, quando foi batido por Showalter; e, na Inglaterra, G. Fraser, antigo campeão da Escossia, theorista notavel, e J. F. Moon, problemista distincto.

* *

PROBLEMA N. 41

Tacito & Lipman

PIREAS (6)



O OITEIRO DA CRUZ

Foi aqui que dos bátavos unidos
As rudes hostes, bravas, aguerridas
A' luz de tantos sóes,
Batalhavam, tremendas, indomaveis,
Contra os ferros das armas formidaveis
De um reducto de heróes !

Foi aqui que aos arrancos esforçados
Das espadas dos rutilos soldados
Em rispido furor,
Se mediram na lucta horrenda e forte
Os graves filhos dos sertões do Norte
E o barbaro invasor !...

Foi aqui, onde a cruz brilhante alveja
Que nos rasgos terriveis da peleja,
Infrene, marcial,
Beijára o vento as lucidas bandeiras
Que luziram de glorias verdadeiras
No céu de Portugal !...

E ao clangor das horrisonas cornetas,
Scintillaram no espaço as bayonetas
Nas pontas dos fuzis ;
Emquanto agudas flechas, atrevidas,
Varando peitos e arrancando vidas
Salvaram S. Luiz !...

Sublime peito de elevado povo !...
E um prodigio de guerra, um facto novo,
Aos brados, viu-se então :
Baterias impervias, denodadas,
Pelos nossos indigenas tomadas
A golpes de facão !.

E si vinha uma bala que arrancava
A perna de um colono, espedaçava
O craneo de um tupy,
Mais augmentava a férvida carnagem
Revestindo-se os lusos da coragem
Que inspiravam o memby !...

E foi sublime essa batalha augusta
A rufos de tambor, travada á custa
De um povo em reacção !...
E por entre a fumaça, o fogo, a poeira
Ouviu-se a vóz do energico Teixeira
Saudar o Maranhão !...

Que brilhem mudas ao clarão da gloria,
Qual um marco fatal da nossa historia
Os braços desta cruz,

Desta cruz que relembra os tempos idos
Das heroicas nações, dos bravos destemidos,
Dos guerreiros da luz !.

Thermopylas da patria !.. Aqui morreram
Cem laconios febris que appareceram
Ao grito de—avançar !.
Mostrando a flux desta cruzada santa
Que o grande povo que sorrindo canta
Tambem sabe luctar !...

Grande Oiteiro da Cruz ! si eu te contemplo
E' que vejo em teu vulto um nobre exemplo
De civismo e de amor !...
E saibam nossos posterios, um dia,
Que aqui repoizam sob a lage fria
Soldados de valor !

Fôram mais que os Titans da antiga lenda
Que tentaram subir na audaz contenda
Ao portico dos céos ;
Pois estes viram proximo o castigo,
Emquanto aquelles no fatal perigo
Levantaram trophéos !..

E as mães, lá quando houver um novo attricto,
Mostrando aos filhos este emblema avito,
Em lagrimas dirão :
—Vergae, meu filho, o exercito mais forte,
E expondo a vida, e provocando a morte,
Salvae o Maranhão !...

IGNACIO RAPOSO.

OUVINDO MOZART

Quando os teus dedos vibram no teclado
A encantadora musica argentina
Ante mim vejo aberto e desdobrado
O poema da lagrima divina.

Si num arpejo celere e maguado
Tu lembrás á minh'alma a peregrina
Estancia em que eu amei não sendo amado,
E a minha vida emtanto inda illumina :

Ascendo então á dulcida paragem
Onde descança, á sombra da ramagem
Dos meus sonhos, a funebre cohorte.

E cuido ouvir em toda parte a estranha
Harmonia do amor que me acompanha
Pelo estendal phantastico da Morte.

Recife, 1906.

GETULIO AMARAL.